

Fátima e Ciência

*João Carlos Paiva**

Introdução

A ciência é uma fascinante forma de conhecermos melhor o mundo. Tem características e metodologias muito específicas, que lhe conferem robustez e eficácia cognitiva. A racionalidade, a curiosidade, a arte de objetivar, perguntar e experimentar podem conduzir ao estabelecimento de teorias e leis que ajudam a compreender o universo e, em muitos casos, oferecer canais de previsão sobre o que possa vir a acontecer. A ciência tem também um enorme potencial de benefício para a humanidade, no sentido em que as suas aplicações (tecnologia) podem conduzir à promoção da qualidade de vida. Claro que nem sempre assim é: nem sempre a ciência e a tecnologia (bem como o poder que atualmente lhes está associado) concorrem para humanizar, e essa tensão ética da ciência nunca pode ser esquecida.

Uma colocação epistemológica moderna da ciência nunca ignorará, com a devida humildade, os limites da própria ciência. O olhar científico sobre o mundo ou sobre um pedaço de universo (sistema) é apenas um entre outros olhares, nomeadamente o estético, o afetivo, o filosófico ou o religioso.

* Departamento de Química e Bioquímica, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.

Longe vão os tempos em que ciência e religião viviam e eram, na consciência social, uma circunstância focada principalmente no conflito (Barbour, 1990). Nos nossos dias – mesmo depois de, apesar de e, talvez, por causa de Dawkins (2007) e seus semelhantes – é quase consensual, para cientistas crentes e não crentes, que existe certa compatibilidade e pontes de diálogo entre ciência e religião. É também claro que tal compatibilidade se alimenta da consciência de clarificação dos respetivos limites e dos diferentes ângulos de visão que ambas as abordagens encerram. A trança existe, mas os respetivos fios são discrimináveis e estão clarificados no campo metodológico. Ciência e religião respondem a perguntas diferentes e usam metodologias distintas. Não tem sentido perguntar à Bíblia usando a malha científica, nem o livro da natureza e a ciência respondem a perguntas que tenham que ver, por exemplo, com o sentido da vida. A ideia não é de agora, já que Santo Agostinho nos apontou algo equivalente, e Galileu, tão bom cientista como teólogo, nos deixou a máxima ouvida do cardeal Caesar Baronius (em segunda mão, portanto...) de que “o Espírito Santo nos aponta como se vai para o Céu e não como é o céu” (a segunda demanda diz respeito à ciência...).

As pontes entre ciência e religião, porém, são muitas vezes de ordem metafórica ou analógica e nunca de inferência. Inferir Deus a partir da ciência ou o seu contrário (a mítica prova ou contraprova científica da existência de Deus...) é caminho desaconselhado. Nem por isso é um caminho não trilhado, infelizmente... Os que seguem esses passos, sejam crentes ou não crentes, redundam mais tarde num precário deus “tapa-buracos”, cuja significância diminuiria à medida que a ciência progredisse.

O fenómeno de Fátima no contexto português (realidade hoje já mais vasta, de abrangência lusófona e mundial) está imbuído numa complexa teia de vetores sociológicos, económicos, políticos, afetivos, históricos e religiosos. A compreensão de Fátima, bem

como a sua apologia potenciadora ou a sua crítica corretiva, não poderão nunca realizar-se à custa de uma única perspetiva. Neste pequeno artigo, conscientes desta visão parcial, focamo-nos, em especial, no encontro ou desencontro entre o fenómeno (as aparições e visões, em particular) e a ciência.

A Igreja Católica não coloca aparições no centro da vida cristã, sejam elas de que natureza forem. Muitas vezes trata-se de milagres que apenas têm como efeito satisfazer a curiosidade das pessoas. A Igreja Católica promove a responsabilização das pessoas por uma sociedade cujos alicerces sejam a justiça, a verdade e o amor. Há muitas manifestações à volta de aparições e respetivos santuários que a Igreja Católica desaconselha, precisamente porque vão numa linha que não responsabiliza a pessoa por uma vida mais autêntica.

Em Fátima, pela complexidade das já referidas malhas multiculturais, observa-se também, pela negativa, por parte de muitas pessoas, uma prática religiosa que mistura, no cristianismo, elementos de antigas crenças, nas quais a relação das pessoas com Deus era baseada, por um lado, no medo e no desejo de aplacar a ira dos deuses e, por outro, no ensejo de obter os favores divinos em proveito pessoal e em prejuízo dos inimigos. Os próprios segredos descritos por Lúcia (2007) não são isentos destes vestígios. O que se passa com Fátima é que a experiência dos que lá vão tem a potencialidade de encorajar as pessoas a mudar de vida num sentido mais humanizante. Este é, aliás, o cerne da mensagem de Fátima: “Que os homens se convertam e se tornem bons, no sentido do evangelho de Cristo”. A maternidade espiritual e um encontro com Nossa Senhora que nos aponta Jesus é o essencial. Tudo o resto deveria ser rotundamente acessório!

O exercício que vamos fazer é uma tentativa de emprestar alguma racionalidade ao fenómeno de Fátima. Sendo, mais ou menos, uma reflexão de teor científico-teológico, estamos conscien-

tes das variadas abordagens que a interpretação do fenómeno pode merecer. A Igreja, na sua multicoloração, tem várias moradas. Face a Fátima, parece-nos também existir espaço para muitos caminhos, muitas aspirações e muitas colocações. A catolicidade contemplará este caminho convergente na diversidade, e o próprio santuário, enquanto expressão da fé (que une), vale principalmente por lá juntar e aproximar muitos buscadores carentes, como nós, que caminham, em passos e estilos diferentes, para se fazerem aquecer ao abrigo de um mesmo sol materno.

Nota: Tomamos a liberdade de usar neste artigo, por vezes, textos já refletidos e publicados em obra prévia, escrita a quatro mãos com Alfredo Dinis (Dinis e Paiva, 2010). Desta forma, não só se reabilita um património estruturado, como também se homenageia alguém que já não está entre nós e que ponderou com particular cuidado estes assuntos.

Ciência, milagres e aparições

Fátima introduz-nos, com certa imediatez, na questão dos milagres. Se nos concentrarmos nas definições típicas de um dicionário, a palavra *milagre*, de alguma forma, apresenta relação com três atributos: causa de espanto; potencial simbólico; evento não explicável no quadro das leis naturais e da ciência.

Milagre *s. m.* (do lat. *miracŭlum*). **1.** Facto extraordinário, inexplicável pelas leis da natureza e ao qual se atribui intervenção divina benéfica [...] **2.** Facto extraordinário cuja causa escapa à razão do homem e que se atribui a intervenção de um santo ou de pessoa com poderes sobrenaturais [...] **3.** Coisa, acontecimento ou facto que, por ser raro ou fora do comum, espanta, causa surpresa ou admiração [...]. (Academia das Ciências de Lisboa, 2001)

É evidente que as palavras valem o que valem e são sempre, elas próprias, muito limitadas para descrever toda a realidade humana e cósmica. São mais limitadas ainda para os apontamentos da transcendência, já que Deus é intrinsecamente indizível. São o que temos e, no seu dinamismo, no artesanato semântico, vão-nos ajudando e desajudando. No caso da palavra *milagre*, permitimo-nos – no contexto geral do fenómeno religioso e no caso de Fátima, em particular – valorizar os aspetos respeitantes aos atributos do milagre enquanto causa de espanto e valor simbólico e, pelo contrário, desvalorizar a sua aceção no sentido de contrariedade das leis naturais e suas explicações científicas. Reside aqui certa apologia de que o milagre é mais do foro do ordinário do que do foro do extraordinário, ou, dito de outra forma, que se torna extraordinário no vulgar. Se há uma tese nesta reflexão é a de que as manifestações de Deus, também em Fátima, apresentam valor religioso mais maduro e de maior potencial quando não se focam e cristalizam no contranatural e no inexplicável. “Se a realidade própria do milagre fosse esse carácter de exceção às leis da natureza não estaríamos senão perante um ‘caso insólito’” (Formosinho e Branco, 1977, p. 579).

As imagens mentais que criamos acerca do mundo exterior (que, em certo sentido, são nossa criação) elaboram-se no nosso cérebro. As emoções, incluindo as emoções sociais, bem como a consciência, são, na senda dos novos dados das neurociências, parte integrante da nossa estrutura física cerebral. Podem estabelecer-se imagens na nossa mente de três formas distintas:

- por indução direta da realidade, como acontece com as letras que, neste momento, está a ler (existem, de facto, caracteres negros sobre papel branco que está a observar);

- por exercício de imaginação, como nos pensamentos ou nos sonhos;

- por exercício místico.

As percepções que temos na nossa mente, tendo valor, não são sempre um espelho objetivo de realidade. Os psiquiatras, por exemplo, usam com frequência dinamismos de imaginação (por vezes até de sonhos) para conhecer e interatuar com os seus pacientes. E qualquer crente, em todas as espiritualidades, tem na imaginação um dos ingredientes criativos da sua relação com Deus, na oração. A própria Revelação de Deus só o é completamente, ainda assim de forma laboriosa e paciente, no contexto da abertura humana, que inclui a imaginação. Provavelmente, com os três pastorinhos, aconteceu algo parecido com exercícios imaginativos (não capturáveis por uma hipotética máquina de filmar então existente), como se depreende, aliás, das explicações oficiais do terceiro segredo de Fátima. Mas tal facto não subtrai, em nada, por assim dizer, o seu valor religioso, que importa na justa medida do impulso que pode conferir à qualidade da ritualização da fé, vivida.

O que gostaríamos de sublinhar é que a eventual explicabilidade (com malha científica) do fenómeno não o diminui na sua potencialidade religiosa. Há acontecimentos explicáveis e acontecimentos inexplicáveis. Seria ingénuo pensar que Deus só trabalha ou está principalmente presente nos segundos. Para os crentes maduros e que querem levar a sério e sempre a sua fé, a não-explicabilidade dos fenómenos não se confunde com o dedo de Deus. Conhecemos bem os mecanismos da fotossíntese e da interação da radiação com a matéria que determina a evidência da cor e nem por isso nos deixamos de impressionar, por sugestão bíblica, com o milagre dos lírios do campo. O critério da ação de Deus em nós e no mundo vai muito mais pela sua “vivibilidade” (Correia, 2014) do que pela sua explicabilidade ou não-explicabilidade. Por isto mesmo, sujeitar o fenómeno de Fátima, em geral, e os textos sagrados, em particular, a uma expedição científica é como caçar borboletas com rede de pescar atuns: todas passam ao lado do crivo,

porque a metodologia utilizada (a rede, na nossa metáfora) está simplesmente desajustada.

Além das aparições aos três pequenos pastores é muito central em Fátima o chamado “milagre do sol”. Segundo rezam os relatos, aqui foi uma multidão que teve acesso, em data, hora e local previamente definidos, a qualquer coisa de inexplicável. A 13 de outubro de 1917 deu-se este original fenómeno, descrito com alguma coerência por várias pessoas presentes e pelos meios de comunicação de então. “(...) por três vezes o sol girou sobre si próprio dardejando os seus raios como matizes de cor amarelo, azul, verde, roxo, tendo sido observado este prodígio desde muito longe” (Carmelo de Santa Teresa, 2013, p. 91). Estamos diante de algo a que a ciência consegue dizer pouco. A astronomia e a meteorologia, mesmo com os poucos recursos da época, teriam detectado sinais de fenomenologia extraordinária, mas assim não aconteceu. Os conhecimentos atuais destas ciências também não fornecem qualquer subsídio útil para enquadrar o que aconteceu em Fátima em suportes descritivos ou preditivos cientificamente. Do ponto de vista das ciências cognitivas, poderíamos estar diante de um fenómeno de alucinação coletiva (bastante recorrente) mas o número (cerca de meia centena de milhar de pessoas) e a diversidade de pessoas, bem como o facto de existirem relatos testemunhais de alguma dispersão geográfica, não dão consistência a essa interpretação. Há ainda teses relacionadas com OVNI (objetos voadores não identificados) e outras alternativas, mas nenhuma suficientemente robusta.

Estamos, neste caso concreto, diante de algo inexplicável. Insiste-se, contudo, que embora se compreenda que o transcendente (precisamente porque transcende o Homem...) nos supere e ultrapasse, podendo ser inexplicável, não se testa nem prova (na semântica científica) através de qualquer fenómeno. Resumindo, em Fátima como na vida, há o explicável e o não explicável (nomea-

damente pela ciência) mas seria curto pensar que é principalmente no não explicável que está o sinal... muito menos a prova...

Os segredos revelados, em si próprios, carecem de uma clara exegese, não só religiosa, mas cultural e histórica. Nada mais injusto, na história e não só, do que o anacronismo de ver com os olhos de hoje o que ontem se passou. As imagens, as analogias, as palavras e os cenários são coerentes com o início do século XX em Portugal, numa região pobre socioculturalmente e importa extrair da mensagem os sinais de conversão e simplicidade, perenemente inspiradores.

[...] A primeira foi pois a vista do Inferno! Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados nesse fogo os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzeadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. [...] Se fizerem o que eu disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. (Lúcia, 2007)

... E fazer o que Nossa Senhora disser é apontar para a imitação dela mesma, ao acolhimento da vida amorosamente arriscada por onde passa Cristo.

Convém notar que as imagens algo espetaculares sobre o Inferno são muito típicas do imaginário religioso e cultural da época. Uma exegese atual destes textos não ignoraria o Inferno, mas certamente nos remeteria para um “lugar” mais simbólico e não extrínseco ao Homem, já que talvez o mais acutilante Inferno seja o resultado sensível do mau uso da nossa liberdade, que cada um de nós, individualmente e como comunidade, ensaia quotidianamente. O “exorcismo” proposto pela mensagem de Fátima, que

genuinamente converte, é o de apontar a nossa liberdade para o exercício amoroso face à vida e, particularmente, a cada humano que se cruza conosco, provocando o nosso instinto cuidador. Assim, diríamos, cocuidadores (e cocriadores) com Deus. Os segredos espelham, ainda, a teologia possível face ao mal que, entretanto, na evolução dinâmica – teológica e religiosa – se vai redizendo de forma mais apropriada (Queiruga, 2011).

Um olhar caricatural sobre os textos acima, bem como sobre algumas práxis de santuário (plasmando algumas fragilidades, mais do que religiosas, culturais...), será sempre isso mesmo: caricatural e parcial. Fátima vale, e valerá sempre, num “olhar mais além”. Bento XVI (2010) afirma o seguinte:

Uma aparição, ou seja, um impulso sobrenatural, não vem somente da imaginação da pessoa, mas na realidade da Virgem Maria, do sobrenatural; que um impulso deste tipo entra num sujeito e se expressa segundo as possibilidades do sujeito. O sujeito é determinado pelas suas condições históricas, pessoais, temperamentais e, portanto, traduz o grande impulso sobrenatural segundo as suas possibilidades de ver, de imaginar, de expressar; mas nestas expressões, articuladas pelo sujeito, esconde-se um conteúdo que vai além, mais profundo, e somente no curso da história podemos ver toda a sua profundidade, que estava – digamos – “vestida” nesta visão possível à pessoa concreta.

“Ver” Nossa Senhora

Levar-nos-ia longe, por si só, abrir portas à questão “o que é ver?”. Ver é um exercício que depende, em absoluto, do instrumento que se usa para tal. É um fenómeno que, em tudo, é dependente – esboça-se o conceito de objetividade no senso comum... – do objeto que se vê, do sujeito que observa e da técnica usada para o fazer

(Balsas, 2009). A técnica experimental, em particular, condiciona fortemente o exercício de ver. Dizer que só se vê aquilo que é visível pelo método e pela técnica usadas na ciência (ela própria dinâmica e provisória, como nos lembram Poper, Kuhn e outros filósofos da ciência) é uma opção, mas esse não é o caminho que tomam as pessoas com fé, que, a par dessa visão conferida pela ciência, que estimulam e valorizam, entendem que outras coisas e realidades, com outras malhas e outras “técnicas”, podem alargar o horizonte existencial. Tillich (1982) evidencia esta amplitude de olhares de uma forma muito límpida:

Nenhum método pode pretender ser adequado para todo o objeto. O imperialismo metodológico é tão perigoso como o imperialismo político e, como este último, cai, na medida em que os elementos independentes da realidade se revoltam contra ele. Um método não é uma “rede indiferente” com a qual se prende a realidade, mas um elemento da própria realidade. Pelo menos num sentido, a descrição de um método é a descrição de um aspeto decisivo do objeto ao qual se aplica. A própria relação cognoscitiva, independentemente de todo o ato particular de conhecimento, revela algo tanto do objeto como do sujeito desta relação. Em física, a relação cognoscitiva revela o carácter matemático dos objetos no espaço (e no tempo). Em biologia, revela a estrutura e o carácter espontâneo dos objetos no espaço e no tempo. Em historiografia, revela o carácter individual e valioso dos objetos no tempo (e no espaço). Em teologia, revela o carácter existencial e transcendente do fundamento dos objetos no tempo e no espaço.

A própria mecânica quântica nos revela um mundo misterioso que complexifica o fenómeno de “ver”. Quando os cientistas querem ver o muitíssimo pequeno (um átomo, por exemplo) deparam-se com problemas de indeterminismo intrínseco que espelham um mistério curioso. Como, para ver, precisamos de luz (não necessa-

riamente luz visível) e a luz tem associada energia, esbarramos com a ideia de que ver é perturbar. Jogando com as palavras, quando vamos ver, já não vemos (porque perturbamos) o que veríamos se não estivéssemos a ver. Esta impossibilidade de uma mesma montagem experimental (mais uma vez, a crucialidade do instrumento...) permitir a determinação, por exemplo, da velocidade e da posição de eletrões faz emergir no estudo do microcosmos (ou do nanocosmos, melhor dizendo) um mundo que apenas se tateie. Por transposição analógica (nunca por inferência, como acima insistimos), também outras realidades que não são objeto da ciência, mais do que serem “agarradas”, apenas se “tateiam”.

Ainda a propósito das aparições, apuremos o que significa “aparecer”. Algumas passagens do texto de Bento XVI (s/d) explicam melhor o entendimento da Igreja Católica sobre o que significa a expressão “a Virgem Maria apareceu em Fátima”:

A antropologia teológica distingue, neste âmbito, três formas de perceção ou “visão”: a visão pelos sentidos, ou seja, a perceção externa corpórea; a perceção interior; e a visão espiritual (*visio sensibilis*, imaginativa, *intellectualis*). É claro que, nas visões de Lourdes, Fátima, etc., não se trata da perceção externa normal dos sentidos: as imagens e as figuras vistas não se encontram fora no espaço circundante, como está lá, por exemplo, uma árvore ou uma casa. Isto é bem evidente, por exemplo, no caso da visão do Inferno (descrita na primeira parte do “segredo” de Fátima) ou então na visão descrita na terceira parte do “segredo”, mas pode-se facilmente comprovar também noutras visões, sobretudo porque não eram captadas por todos os presentes, mas apenas pelos “videntes”. Este ver interiormente não significa que se trate de fantasia, que seria apenas uma expressão da imaginação subjetiva. Significa, antes, que a alma recebe o toque suave de algo real, mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não-visível aos sentidos: uma visão através dos “sentidos internos”.

Trata-se de verdadeiros “objetos” que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual. Por isso, exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma. A pessoa é levada para além da pura exterioridade, onde é tocada por dimensões mais profundas da realidade que se lhe tornam visíveis.

O mais relevante dos “milagres”

Há o milagre de Fátima (datado na história e do qual nasce o fenómeno religioso como tal) e os milagres de/em Fátima, que ainda hoje se tecem e procuram. Uns e outros merecem esta reflexão final, no sentido de ampliar o olhar e reduzir o espetáculo. Sublinhe-se o respeito incondicional por quem procura e como procura. Não há uma religiosidade melhor do que outra e isso é, também, o convite de Fátima. Compreende-se, na Fátima do início do século XX e na Fátima do século XXI, a carência-aflição anímica e existencial de muita gente, a aceleração da emotividade, o arrastamento sociológico, os condicionamentos do desamparo e da luta pela sobrevivência, principalmente nos mais excluídos da sociedade. E a resposta para todos, que pelas nossas mãos será a resposta de Deus, estará sempre no acolhimento, na validação, no cuidar. Podemos e até devemos emprestar sentido crítico e autocrítico, leituras e releituras e inquietações, mas no cuidar se manifestará a salvadora misericórdia.

Convém notar que os milagres, no próprio Evangelho, valem sempre mais pela missão a que encorajam do que pelo milagre em si. Procurar ou ficar essencialmente no milagre é não ir ao essencial. A passagem do Evangelho de Lucas (17, 11-21) sobre o encontro de Jesus com dez leprosos ilustra bem o carácter provisório dos “mila-

gres”: os dez leprosos foram curados, mas apenas um, o que mudou “por dentro”, regressou, agradeceu e se salvou. E, para os cristãos, mais do que curar, Jesus Cristo vem salvar, ao dar um novo alinhamento ao sentido da vida.

Sobre os milagres, em geral, convém dizer que, como acontecimentos extraordinários e inexplicáveis que excitam a curiosidade dos fiéis, não constituem uma parte fundamental do cristianismo. Os verdadeiros milagres são os gestos quotidianos de solidariedade, quando tantos se fecham no seu comodismo; de ternura, quando à nossa volta há tanta violência; de luta pela justiça, quando tantos preferem a exploração dos outros e a mentira. E tudo isto como busca de sentido para a vida, numa relação pessoal dos seres humanos entre si e com Deus. Quem assim procede são os autênticos “santos milagreiros”, e destes todos precisamos. Estes milagres, sim, são parte integrante e fundamental do cristianismo.

Notar ainda que o que temos vindo a chamar “milagre essencial” não é nunca, nem apenas, nem principalmente, uma conversão por causa de si mesmo. É sempre um encontro com a dimensão comunitária de transformação do mundo, de luta contra a miséria e promoção da justiça. O apelo é sempre para quem reza “Pai nosso” e não “Pai meu”. A nossa santidade, como bem se pode experimentar em Fátima, é sempre a santidade com todos e, assim, a santidade de Deus.

A relação entre o fenómeno de Fátima e a ciência mereceu-nos algum progresso de clarificação, mas não é o fim de uma qualquer viagem. Como em muitos cenários da fé e da vida do Homem, procuramos certezas e explicações monocausais que quase sempre são insuficientes. O assunto que versámos não é isento de complexidade e dúvida. A dúvida sempre nos acompanhará e será mesmo matéria-prima de fé. Na visão desdramatizante de Simone Weil (1999), a dúvida não é obstáculo, mas antes veículo de chegada

a Deus. A metáfora da cela, que nos apresenta, pode ser inspiradora: o muro que separa dois prisioneiros (Deus e o homem) é só aparente barreira. A criatividade de bater no muro com toques intencionais (sinais... milagres) fará do (ilusório) bloqueio, precisamente, o veículo da comunicação...

A mensagem central de Fátima não é dogma de fé, mas constitui-se como um convite à oração, à mudança para uma vida mais humana, a “descansar em Deus”, algo tão urgente na acelerada sociedade de hoje. E o contexto de simples crianças ajuda bem a enquadrar a forte carga simbólica do recado. É isso que Fátima tem para dar e que a Igreja portuguesa paulatinamente vai ensinando, de modo que aquele espaço de peregrinação seja cenário de encontro com um Deus de amor e não um supermercado de milagres.

P.S.: Sem ter feito nada por isso, por circunstâncias familiares de certa constelação, tive o privilégio de conviver, com alguma regularidade, com a irmã Lúcia. Nunca vi, (nunca) senti nem (nunca) toquei nada que me soasse a contranatura ou contraciência. Foi sempre a sua radical simplicidade e humanidade, pelo contrário, que me impressionou. Retenho como inspiradora essa inteireza e como inspirador esse milagre.

Referências bibliográficas

- A. Balsas, Capítulo I, «Só acredito no que vejo», in M. Curado (ed.), *Porquê Deus se Temos a Ciência?*, Fronteira do Caos Editores, Porto, 2009.
- A. Dinis e J. C. Paiva, *Educação, Ciência e Religião*, Gradiva, Lisboa, 2010.
- Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol. II, Editorial Verbo, Lisboa, 2001, 2468.

- A. T. Queiruga, *Repensar el Mal: de la Ponerología a la Teodiceia*, Editorial Trotta, Madrid, 2011.
- Bento XVI, Viagem apostólica a Portugal no 10.º aniversário da beatificação de Jacinta e Francisco, pastorinhos de Fátima. Encontro com os jornalistas durante o voo para Portugal, 11 de maio de 2010, [Consultado em 18 de março de 2017], disponível em: www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100511_portogallo-interview_po.html
- Bento XVI, *Mensagem de Fátima*. Congregação para a Doutrina da Fé, [s.d.].
- Carmelo de Santa Teresa, *Um caminho sob o olhar de Maria – Biografia da irmã Lúcia*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2013.
- I. Barbour, *Religion in an Age of Science*, HarperCollins Publishers, New York, 1990.
- J. F. Correia, *Entre-tanto: A difícil bênção da vida e da fé*, Paulinas, Prior Velho, 2014.
- Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 13ª edição, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007.
- P. Tillich, *Teología Sistemática I: La razón y la Revelación, el ser y Dios*, 3.ª ed., Sígueme, Salamanca, 1982.
- R. Dawkins, *O Relojoeiro Cego*, Gradiva, Lisboa, 2007.
- S. Formosinho, J. Branco, *O brotar da criação – um olhar dinâmico pela ciência, a filosofia e a teologia*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 1997.
- S. Weil, *Gravity and Grace*, Routledge, London, 1999.